

## ESPAÇO SAGRADO E ESPAÇO DOMÉSTICO: UM ESTUDO SOBRE OS TEMPLOS E AS CASAS NO ANTIGO EGITO

Matheus Breno Pinto da Câmara<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo irá discutir a relação entre os espaços sagrado e doméstico no Antigo Egito, assim como suas características e estruturas físicas. Também discutiremos a função dessas estruturas e como esses espaços interagem com o ambiente e os indivíduos. Dessa forma, a análise desses espaços possibilita olhar sob uma perspectiva diferente. O objetivo é mostrar essa perspectiva através de autores que analisam esses espaços e explicar como se dá a relação entre esses ambientes, sua influencia no cotidiano e sua importância para os egípcios.

**Palavras chave:** Antigo Egito – Templo - Casa – Espaço sagrado e doméstico

**SUMMARY:** This paper will show the relation between the sacred and the domestic space in Ancient Egypt. The aim is understand how these spaces influenced and interacted the society and people. The analysis of these features of space can be analyzed through a new perspective according to some authors that were used in this paper.

**Key words:** Ancient Egypt – Temple – House – Sacred and domestic space

### INTRODUÇÃO

As civilizações antigas ergueram suas cidades ao redor de seus templos. Partindo de um ponto-fixa dentro de um espaço homogêneo eles definem o espaço sagrado de forma qualitativa em contraposição do caos advindo do espaço homogêneo. O Antigo Egito floresceu, entre outros fatores, ao redor de sua religiosidade. Suas divindades complexas e sua cosmologia foram um importante meio de controle social e legitimação de poder. Outro espaço que prende a atenção dos estudiosos são as habitações. As moradas dos egípcios nos revelam o cotidiano dessas pessoas e alguns aspectos da sociedade egípcia. O estudo arquitetônico do espaço doméstico nos dá informações a respeito do número provável de pessoas que habitavam as casas, do status social da família que morava ali e como os cômodos estavam dispostos naquele espaço. Também é possível entender como outros espaços interagem dentro do espaço doméstico à medida que descobrimos que no ambiente doméstico há espaços para o culto de divindades, estátuas e imagens de deuses na decoração.

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação em História pela UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8140009988771486>

Desse modo o espaço sagrado está dentro do espaço doméstico, mostrando-se uma prova da religião dentro do cotidiano do egípcio.

Esse trabalho tem como objetivo o estudo do templo no Antigo Egito no que diz respeito a sua função dentro da sociedade egípcia, como esse espaço era concebido e a influência do mesmo dentro do contexto do Antigo Egito. Assim como pensar o espaço doméstico e as habitações no Antigo Egito e entender aspectos do seu cotidiano, sua religiosidade e seu modo de distribuir o espaço. Também será utilizada a teoria de espaços binários para compreendermos essas estruturas e como alguns desses espaços se relacionam uns com os outros.

## **1. O ESPAÇO SAGRADO**

A religiosidade é uma característica que marca a maioria das sociedades até hoje. Mitos e espaços específicos para o culto de divindades estão sempre presentes nos estudos de civilizações antigas e o Egito não está à margem desse fenômeno. Primeiramente devemos estar atentos que o homem egípcio é religioso, ele entende o mundo a sua volta através dos mitos e de suas divindades. Dessa forma o espaço em que ele vive não é apenas uma representação social, mas faz parte da sua religiosidade em si. A partir desse ponto ele constitui um espaço diferenciado na qual chamamos de espaço sagrado. O espaço sagrado se mostra indispensável ao homem religioso. Vale ressaltar também que o homem religioso tende a ter uma visão centro-periferia, na qual ele situa-se no centro, dessa forma, fazendo com que o espaço circundante ao sagrado seja preenchido de caos, de desordem na qual chamamos de espaço profano.

Nesse ponto podemos observar várias distinções entre o espaço sagrado e o espaço profano. Podemos entender que o espaço profano é marcado por uma homogeneidade. Seguindo ao extremo oposto, o espaço sagrado é marcado por roturas que diferenciam de forma qualitativa a experiência do indivíduo junto ao seu espaço. Outro ponto que diferencia esses dois espaços é a descoberta de um ponto fixo. Na experiência do espaço sagrado esse vem a mostrar uma orientação, uma forma de referência entre o caos da homogeneidade. Mas quando se trata do espaço profano não conseguimos observar esse ponto fixo, tornando-se a homogeneidade do espaço absoluta. Sobre essa questão, Eliade nos atenta a um importante fato no que consta o espaço profano:

É preciso acrescentar que uma tal existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do inundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso (ELIADE, 1992, p.18)

Apesar de considerarmos o espaço profano homogêneo, ele não o é como um todo. Dessa forma, até o mais não religioso dos homens ainda tem atitudes religiosas ou que remetem ao espaço sagrado. Podemos observar, então, que o espaço sagrado influencia todos os indivíduos, uns mais que os outros, e se firma como um lugar específico do espaço.

## 2. O TEMPLO

Mas como isso acontecia no Antigo Egito? Qual era a relação entre os indivíduos e esses espaços sagrados? E que espaços eram esses? Como já foi dito acima o homem egípcio é um indivíduo religioso e vê as manifestações da religião nos elementos do seu cotidiano. Um desses elementos é o templo. A egiptologia atual vem se debruçando sobre essas construções para entender melhor a sua influência e papel na sociedade egípcia. O templo é visto pelo egípcio como um local de representação sagrada e também um local no qual as relações sociais acontecem, dessa forma, o espaço sagrado é compartilhado por diversos segmentos da sociedade. O templo é um complexo, com lugares reservados e de acesso restrito, dessa forma a interação dos indivíduos se dá de forma diferenciada. Há lugares destinados a atividades sociais e culturais nos templos. Para entendermos melhor a influência e importância dos templos no Antigo Egito, Julio Gralha nos traz a reflexão:

A dinastia ptolomaica, de modo a estabelecer sua legitimidade, fez uso de templos e capelas logo no início e apesar de uma atenção menor ao Alto Egito é possível encontrar exemplos nesta região. Sob o reinado de Ptolomeu II um portal junto ao primeiro pilone do templo de Isis na Ilha de Philae foi construído. Em 237 a.C Ptolomeu III inicia a construção do templo de Hórus em Edfu e Ptolomeu IV fez adendos em Edfu e Philiae (GRALHA, 2009, p. 130)

Os templos no Antigo Egito tinham tamanha influência sobre seu povo que foram usados para legitimar a dinastia ptolomaica. Não é por acaso que vários governantes estrangeiros que dominaram o Egito se colocaram na figura do faraó para legitimar seu domínio e poder. Essas formas de legitimar o poder podem ser entendidas como a expressão da legitimação da dinastia ptolomaica (no caso dos templos) e dos governantes estrangeiros (através do papel do faraó) através do elemento simbólico que constitui a religiosidade do povo egípcio. Seus mitos e suas crenças na magia tornaram a aceitação desses líderes estrangeiros sob o seu território. Podemos entender o templo como a legitimidade de poder

sem o uso da força, mas sim através dos símbolos. Essa forma de controle parece ser mais eficaz do que o controle pela força. Ao se reformar os templos e construir novos, mantendo o culto as divindades e suas crenças os governantes evitavam revoltas que poderiam desestabilizar o governo.

Além de suas funções mais óbvias, o templo também tinha áreas reservadas para atividades específicas, como por exemplo, tratar dos doentes, arquivar documentos e até para formação intelectual. Isso nos leva a deduzir que nesses espaços não ocorriam apenas rituais sagrados e o culto as divindades, mas funções sociais para a população também eram feitas.

A egiptologia também está se debruçando sobre o estilo arquitetônico dos templos. As decorações nas colunas e paredes nos revelam muito sobre o espaço sagrado no Antigo Egito e nos possibilita uma nova forma de interpretação acerca dos rituais e mitos que envolvem essa civilização antiga. O templo, ou “mansão do Deus” era um conjunto de pedras que continha o templo e partes diversas como alojamentos, santuários, armazéns, jardins e etc. Devemos entender aqui a diferença entre santuário e templo. Santuário, basicamente, é o espaço religioso, onde se pratica os rituais e oferendas. Já o templo é o edifício em si, é a construção material daquele espaço sagrado. Outro ponto importante é que não podemos pensar no espaço do templo como único e igualitário. Havia diversas divisões e pátios que apenas os sacerdotes ou apenas o faraó podiam entrar. Fica claro aí a relação de que quanto menor era sua condição social, mais longe você estaria dos portais para comunicar-se com os deuses. Este privilégio era concedido apenas aos sacerdotes, aqueles que dedicavam suas vidas aos templos e a religião. E também ao faraó, o deus vivo, ao qual era o único a caminhar por certos lugares do templo.

O espaço do templo propriamente dito era usado para “guardar” de uma maneira ritualizada as estátuas dos deuses, suas famílias e seus animais sagrados. Construídos em pedra a partir do IIIº milênio a.C. avançado, serviam então como palácios ou residência para um deus (ou deuses) ao qual tivesse sido consagrado e também um centro de operações mágicas. O templo egípcio não é um local de orações e recolhimento público. Seu espaço está restrito a um grupo de pessoas privilegiadas que deveriam velar pelo deus e ao fazer isso ajudavam a manter a coesão do mundo. (OLIVEIRA, 2011, p.136)

Haydée Oliveira nos mostra que, de fato, a população não podia frequentar espaços reservados do templo. Um desses espaços reservados era o núcleo principal do templo na qual o deus morava. Essa parte do templo praticamente não sofria modificações por ser a morada do deus, mas, por outro lado, o templo sempre estava em construção. Cada

governante moldava o templo ao seu gosto. Às vezes se construía novos pátios ou destruíam-se alguns para construção de novos. A única parte em que mantinha intacta era o lugar sagrado, chamado de “Sanctus Sanctorum”.

A decoração dos templos é outro elemento fundamental para entendermos o espaço religioso e suas práticas. As paredes e colunas dos templos representavam imagens e cenas religiosas em geral. Mitos, divindades e representações da criação do mundo na visão da religião egípcia estão gravados no interior dos templos. Muitas vezes essas imagens faziam parte do próprio culto, como forma de auxiliar no processo do mesmo. Essas decorações também serviam para contar histórias às pessoas. Além de tradição oral em que os mitos eram passados, as decorações nos templos ajudavam os egípcios a compreenderem sua cosmogonia e seus deuses. Além da função mágica de cada símbolo que carregava consigo um significado próprio essas imagens auxiliavam na cosmovisão dos antigos egípcios. Para entendermos melhor como se dá a relação entre os mitos e o espaço o geógrafo Yi-Fu Tuan nos esclarece algumas questões:

O segundo tipo de espaço mítico funciona como um elemento de uma visão do mundo ou cosmologia. É articulado de forma mais consciente que o espaço mítico do primeiro tipo. A visão do mundo é uma tentativa mais ou menos sistemática das pessoas de compreender o meio ambiente. Para que seja habitável, a natureza e a sociedade devem mostrar ordem e apresentar uma relação harmoniosa. Todas as pessoas requerem do seu meio ambiente uma sensação de ordem e de boas condições, mas nem todas procuram isto quando elaboram um sistema cósmico coerente. Em geral, as cosmologias complexas estão associadas às sociedades grandes, estáveis e sedentárias. (TUAN, 1983, p. 99–100)

Yi-Fu Tuan nos mostra que a cosmologia é uma visão de mundo que procura compreender o ambiente a sua volta. Isso acontece pela falta de conhecimento sobre fenômenos que ocorrem na natureza e se mostra como uma forma de explicar tais acontecimentos. A cosmologia também se preocupa em responder questões intrínsecas ao ser humano. Yi-Fu Tuan pensa o espaço mítico em duas instâncias. O primeiro espaço mítico seria uma extensão do espaço cotidiano provindos da experiência direta. Simplificando, esse espaço mítico é constituído do espaço na qual não temos conhecimento, mas que imaginamos suas formas através da experiência que temos do espaço cotidiano. Trata-se dos mundos fantásticos que se perpetuam em nossa mente. O segundo tipo de espaço mítico já foi citado acima e trata-se de uma visão de mundo e de explicar os fenômenos que rodeiam a civilização. Tuan ainda nos mostra que civilizações mais bem estruturadas tendem a ter cosmologias mais complexas. Se observarmos as grandes civilizações do passado poderemos

constatar que a observação do geógrafo é válida. Os mitos e cosmologia do Antigo Egito se mostram bastantes complexos à medida que estudamos sobre o assunto. Os deuses ocupam funções diversas e são retratados com características positivas e negativas. Esse tipo de cosmovisão mostra-se mais elaborada do que os mitos de sociedades tribais. Estas, geralmente, apresentam elementos simples e de fácil compreensão.

Outro ponto importante nesse estudo é como se constituía o templo. Devemos ressaltar que o templo era uma construção que nunca estava terminada. Estando sujeito a mudanças, alguns espaços eram modificados, mas outros eram preservados. A fachada do templo era formada por uma entrada, seus hieróglifos tinham uma função mágica de proteção. Havia também imagens gigantescas do faraó na fachada do templo em que geralmente se representava o faraó subjugando seus inimigos e também há uma representação simbólica na qual podemos interpretar como as forças profanas (caos) sendo vencidas pelo sagrado (cosmos)

Logo após a entrada do templo haveria um pátio chamado de peristíbulo. Essa área geralmente é cercada por colunas nos leva a entender que está é um espaço de transição entre o exterior do templo e os santuários interiores, reservados a sacerdotes e ao faraó. Nesse espaço também é encontrado algumas estátuas de divindades, provavelmente este espaço era reservado ao culto das mesmas e oferendas que os egípcios faziam aos seus deuses. Apesar dos templos serem designados a um deus em específico, como por exemplo, o templo de Ísis em Philae ou o de Hórus em Edfu, havia também o culto a outros deuses, em espaços diferenciados dentro do templo.

Logo após o pátio peristíbulo existe a sala Hipóstila. Ao contrário do peristíbulo, a sala hipóstila são áreas fechadas do templo no qual suas colunas remetem a representação de várias árvores, lembrando uma floresta. Algumas dessas colunas remetiam-se ao papiro, ao lótus e ao lírio. Nos templos dedicados a Deusa Hathor existe o que chamamos de colunas Hathóricas que são colunas diferenciadas na sua decoração devido à cabeça da Deusa Hathor esculpida na coluna. Outra representação de uma Divindade na sala Hipóstila encontra-se no teto. A deusa Nekhabit é encontrada nos telhados desse espaço do templo. O telhado era decorado e representava o céu estrelado. Não por acaso a deusa é representada na forma de abutre, uma figura alada que protege os céus. Esse forte simbolismo nos mostra o quão cotidiano era a relação do homem com o mito, com os Deuses.

Chegando as áreas mais internas do templo, encontramos a capela da barca. Esse nome se dá pelo fato de que a divindade chegava até o templo através de uma barca. Esse santuário tem características muito distintas das outras já citadas aqui. Uma delas é o fato de que esse santuário pode ser encontrado no fundo do templo ou numa área central que se liga a outras salas internas. Nesse local se encontram a estátua do deus e sua representação mostra o momento da criação.

O templo é o local onde o sagrado e o profano se dividem. A forma em que se construíram os templos egípcios fica clara a separação entre espaço público e espaço privado. À medida que o indivíduo caminha para o interior do templo seu segmento social define até que ponto ele pode ir. Há lugares reservados que demonstram claramente a divisão desses espaços privados em que somente aqueles que se dedicavam à religião poderiam conhecer. A historiadora Haydée Oliveira define bem o significado dos templos no Antigo Egito:

O templo espacialmente significava o elo, a base mestra entre as diferentes esferas, entre o céu e a terra, entre o humano e o divino, o caos e a ordem. A sua construção significava a ordenação contra a desordem e todo o espaço do templo reforçava as ideias essenciais para a manutenção dessa ordem em oposição ao caos habitual do resto do mundo. (OLIVEIRA, 2011, p.145)

Essa ligação entre os homens e a religião fortalecia a cosmologia dos egípcios e garantiam que a ordem se mantivesse em detrimento do caos. Dessa forma o templo se mostra como um fator de coesão social que aproximavam aqueles que acreditavam nos mitos e faziam oferendas as suas divindades. Mantendo-se essa ordem e equilíbrio, foi possível evitar revoltas contra a dinastia ptolomaica e legitimar o poder de líderes estrangeiros.

### 3. A CASA

Outro espaço em que os egiptólogos têm se dedicado é em relação às casas. O estudo das moradas no Antigo Egito pode nos revelar elementos do cotidiano que nos ajudam a compreender como viviam aqueles indivíduos. Essa análise do cotidiano e das casas se faz através de fontes literárias e também de material arqueológico. Através dessa cultura material que é encontrada no Egito conseguimos redefinir seus espaços e pensar sobre ele. Contudo, antes de entendermos como o espaço doméstico está distribuído no contexto do Antigo Egito, devemos pensar no que significa a morada. Para isso devemos entender como espaço interior e sua relação com a habitação.

O espaço interior é o lugar de habitação. Habita-se o espaço, em harmonia com as dialéticas da vida. O ser humano transforma a habitação numa

manifestação e num prolongamento do seu ser. O espaço habitado, enquanto lugar de intimidade, é o mundo da acumulação da experiência. Os objetos distribuídos pela casa, através do tempo. Expressam uma história e, por isso, despertam sentimentos de alegria e de tristeza, de felicidade e de dor. A habitação é esse recôndito que mais desperta sonhos e as recordações. Na casa, o espaço contém tempo comprimido. A ela regressamos toda a nossa vida em nossas fantasias. (FERNANDES, 2013, p.72)

Fernandes nos mostra que a morada faz parte do cotidiano do indivíduo, uma vez que, este é um espaço íntimo. Dentro dele os indivíduos relacionam-se e acumulam experiências. Também devemos ressaltar que a casa liga-se também à memória. Dessa forma a habitação passa a ter uma carga tanto sentimental quanto histórica na vida dos indivíduos que podemos entender através dos objetos que residem na mesma. A importância de se analisar os vestígios materiais nesse caso se faz essencial devido a pouca confiabilidade nas fontes escritas. Os restos materiais são objetos ou estruturas que permaneceram no tempo até os dias atuais, dessa forma o que encontramos se mostra do jeito que é sem alterações de terceiros, uma vez que, seria improvável que aqueles objetos estivessem dispostos naquele local de forma proposital.

As moradias no Antigo Egito geralmente eram feitas de tijolos de barro e pedras e alguns cômodos que variavam dependendo do tamanho da casa. No Antigo Egito um modo de determinar o status social de uma família seria pelo tamanho da casa. Casas maiores serviam de morada para famílias ricas e de prestígio dentro da sociedade. Podemos constatar isso também quando analisamos outros elementos da civilização egípcia. Antes do Novo Império, por exemplo, o ritual de mumificação era apenas para poucos. No início apenas o faraó era mumificado, depois alguns nobres passaram a receber esse tratamento especial e após o Novo Império qualquer indivíduo com recursos poderia ter seu corpo mumificado. O modo de mumificação também ia de encontro com o segmento social ao qual o indivíduo pertencia. Quem tinha mais condições recebia o tratamento mais adequado enquanto que aqueles que queriam ser mumificados, mas não tinham como arcar com tal despesa recebia um procedimento mais simples. Esses elementos diferenciam os indivíduos e suas posições perante a sociedade egípcia.

As casas egípcias abrigavam uma família. Quando falamos em família devemos pensar nestas como pessoas com laços de sangue e também aqueles que estão unidos pelo casamento. Desse modo, em uma casa podia-se morar um pai, uma mãe, seus filhos que ainda não casaram seus filhos que casaram e algum membro da família que necessitasse de cuidados.



Liliane Coelho em seu estudo sobre a arquitetura doméstica na cidade de Lahun vai dividir essa unidade doméstica em quatro tipos na qual estão citados abaixo:

Esta unidade doméstica poderia ser de quatro tipos: simples, quando o núcleo era constituído por uma família conjugal; múltipla, quando havia mais de uma família conjugal; expandida, no caso em que famílias conjugais que formavam o núcleo da unidade doméstica pertencessem a várias gerações de uma mesma família; e, por último, temos aquela que se caracterizava por ser uma família extensa no sentido específico do termo, ou seja, quando casais aparentados entre si em graus variados eram subordinados a um único chefe, que centralizava o poder sobre os bens disponíveis. (COELHO, 2012, p.113-114)

Esses grupos familiares diversos constituíam as famílias do Antigo Egito. É interessante observar os tipos de grupos domésticos que podiam se formar nesse contexto. Desde famílias simples sendo constituídas de um pai, uma mãe e seus filhos, até grupos em que os parentes casam entre si e mantêm todos os seus bens concentrados no chefe da família. Esse último grupo familiar assemelha-se muito com um clã. Pessoas com grau de parentesco formam grupos familiares e fecham-se naquele ambiente.

Os cômodos existentes nas casas variam de acordo com o tamanho da mesma, mas alguns desses espaços são essenciais para a morada dos egípcios. O primeiro cômodo da casa é o vestíbulo, seu acesso era feito através de degraus, isso porque as casas estavam abaixo do nível da rua. Nesse cômodo existiam espaços para o culto de deuses. Também foram encontradas estátuas de deuses, o que nos mostra uma relação entre o espaço sagrado e o espaço doméstico. Como já foi dito, a religiosidade do povo egípcio não se restringia apenas ao templo. A morada, como extensão do próprio ser, também mantinha lugares específicos para conceber os rituais e oferendas aos deuses.

Outro cômodo que se mostra interessante na casa é a sala principal. Ela estava situada no centro da casa. Lá havia pequenos espaços para colocação de lamparinas e imagens de deuses. Nesse cômodo também havia uma passagem subterrânea que levava a outro cômodo na qual tinha como função guardar alimentos. A sala principal provavelmente era o lugar em que se dormia durante a noite devido o seu espaço e sua centralidade. Logo após a uma série de cômodos menores até a última parte da casa.

Por fim, podemos entender que o espaço doméstico relaciona outros tipos de espaço. Espaços binários de ordem interior-exterior, sagrado-profano e público-privado, sendo este que apresenta algumas dificuldades de serem trabalhadas já que a casa é um espaço, teoricamente, particular. Logo, todos os espaços seriam de ordem privada. Essas relações

entre os espaços nos possibilitam um estudo mais aprofundado em relação ao cotidiano e como os indivíduos interagiam com esses elementos.

## CONCLUSÃO

Tanto o templo como as casas, cada uma a seu modo, demarcava o status social do indivíduo no Antigo Egito. Vimos que nos templo áreas reservadas estavam destinadas a sacerdotes e pessoas com alto cargo na sociedade egípcia. Em certos lugares do templo apenas o faraó poderia entrar e conversar com os deuses. No contexto das casas, a diferenciação de status se faz de uma forma mais sutil. Quanto maior a casa, maior seria o status social da família em questão.

Mas esses dois espaços se relacionam de forma mais intensa com os indivíduos do que apenas formando barreira entre eles. São observados em vários cômodos da habitação egípcia espaços destinados ao culto a divindades e oferendas. Esse tipo de informação chega até nós através da arqueologia e percebemos que o espaço sagrado também faz parte do espaço doméstico. A relação desses espaços acontece devido à religiosidade do povo egípcio. Seus mitos e cosmologias perduraram por milênios e essa é uma marca indelével da influência da religião no cotidiano egípcio.

Concluimos ao final desse trabalho que as construções egípcias não cumprem apenas uma função social ou religiosa, mas desempenham e relacionam-se com o ambiente a sua volta. Seja para demarcar um limite no caos e na desordem ou para identificar o que é o espaço exterior e o espaço interior. Também compreendemos melhor como esses espaços estão distribuídos e seus papéis dentro do contexto do Antigo Egito, assim como a relação entre eles. Entender como esses espaços se mesclam e interagem nos possibilita uma visão ampliada sobre o Antigo Egito, seu povo e como estes viviam e se relacionavam com o ambiente a sua volta.

## REFERÊNCIAS

COELHO, Liliane C. Arquitetura doméstica no Egito do Reino Médio: usos do espaço na cidade de Lahun. In: CARDOSO, C. F. S.; OLIVEIRA, H. (orgs.). *Tempo e espaço no Egito Antigo*. P. 109-132.

OLIVEIRA, H. *Mãe, filha, esposa, irmã: um estudo iconográfica acerca da condição da mulher no Antigo Egito durante a XIX Dinastia (1307-1196 a.C.). O caso de Deir el-Medina*. Tese (Doutorado em História). UFF/ Niteroi, RJ, 2005. Capítulos II e III. P. 69-172.

FERNANDES, Antônio T. O espaço social e suas representações. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6661.pdf>> Acessado em 02 dez. 2013. P.61-99

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Cap. 1. O espaço sagrado e a sacralização do mundo, p. 17-37.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 96-112. Cap. 7. Espaço mítico e lugar. P. 96-112.

OLIVEIRA, Haydée. Os templos egípcios e seus espaços. In: FLAMARION, C. F. S.; OLIVEIRA, H. (orgs.). *Tempo e espaço no Antigo Egito*. Niteroi, RJ, PPGH - UFF, 2011, p. 133-146.

GRALHA, Julio. *A legitimidade do poder no Egito ptolomaico: cultura material e práticas mágico-religiosas*. Tese (Doutorado em História). IFCH/UNICAMP, 2009. Cap. IV. Templo: a cultura material e legitimidade mágico-religiosa, p. 129-175.